



# ROTINA DE REGRAS

Amizade, disciplina e coragem são valores presentes na vida militar

TEXTO FABIANE CASTRO FOTOS KAISER KONRAD



Quem passa em frente ao 19º Batalhão de Infantaria Motorizado, em São Leopoldo, enxerga os portões fechados e uma guarda muito atenta a cada movimento de quem se aproxima. Uma placa de "Pare", com a seguinte instrução: "Apague os faróis, acenda a luz interna, desligue o motor, identifique-se", caracteriza uma primeira comunicação de ordem e zelo pela segurança da Força de Ação Rápida, como também é chamado o batalhão. O que acontece ao passarmos por estes portões e as histórias que lá podemos encontrar é o que dá vida ao cenário que no primeiro momento pode parecer um tanto hostil, pela seriedade expressa nos rostos destes militares, na postura e no fuzil que carregam.

Na recepção, chama a atenção uma luz que não se apaga sob dois monumentos patronais: o primeiro presidente do regime militar, Humberto Castelo Branco, e o político, jornalista e escritor Moniz Barreto. São simbologias dos valores e objetivos militares que prezam pela preparação de uma nação e relembram a luta de antepassados para inspirar atitudes. O tenente-coronel Israel Guimarães de Souza Martins, comandante do 19º Batalhão de Infantaria Motorizado, destaca a importância dos patronos e lê a carta de Moniz Barreto ao Rei de Portugal. Um dos trechos diz: "Quando eles passam juntos, fazendo barulho, os corações mais cansados sentem estremecer alguma coisa dentro de si. A gente conhece-os por militares...". E justamente

isso que estremece pode ser o penetrar em um ambiente desconhecido, onde o verde da farda predomina, onde continências são cumprimentos, onde histórias se revelam em cada questionamento.

O dia ainda não clareou totalmente. São 6h30min e os militares começam a chegar no quartel. No estilo civil, eles passam pelos portões, vigiados pela guarda de prontidão. Alguns chegam carregando o cabide com a farda, mochila nas costas e passos apressados. É um dia atípico, os recrutas e demais militares experientes irão participar do Teste de Avaliação Física (TAF). A corrida é de 12 minutos – cada faixa etária tem um índice estabelecido de quilometragem para percorrer. É uma prova realizada a cada três meses para verificar o estado de saúde de cada militar.

Do outro lado do pátio, é interessante perceber a postura dos recrutas, que há tão pouco ingressaram nesta rotina de regras, de disciplina, de costumes e muitas vezes de hábitos tão distintos dos quais estavam acostumados no berço familiar. Para o comandante Israel, uma das dificuldades em passar aos jovens os valores militares está relacionada à educação construída na família, dadas as mudanças que ocorrem na sociedade. "Minha maior gratificação é ver o brilho no olhar dos familiares, vendo seus filhos desenvolverem a liderança, camaradagem e disciplina em uma instituição como o quartel", destaca.

No pátio, nos caminhos entre uma companhia e outra, os soldados também se comunicam mencionando abreviaturas. São códigos. Os militares utilizam muito o rádio e a abreviatura é uma característica forte nessa rotina militar. Algumas delas: Pel (pelotão), Op (operação), GLO (Garantia da Lei e da Ordem), SU (subunidade).

Entre as atividades diárias, o comandante Israel cita o tiro, exercícios e preparação dos soldados no objetivo de proteger a nação. "Zelar pelas riquezas de um país para que o seu próprio povo usufrua seus direitos e evitar que a democracia seja uma demagogia minando a liberdade são objetivos patrióticos em nossas atitudes." A voz experiente do comandante e o olhar observador expressam força e responsabilidade na liderança de transmitir conhecimentos aos militares.

Já não tão experiente e adaptando-se à nova fase de sua vida com o recente ingresso no quartel, o soldado Guilherme Luiz Ferreira de Oliveira, que também reside em São Leopoldo, avalia que a visão da maioria das pessoas sobre o exército é equivocada em certos momentos. "Nós aprendemos muito, tanto em conheci-



mentos gerais como em questão de disciplina e respeito. Além disso, aqui desenvolvemos uma postura de homem, e não mais de criança", afirma. O próprio soldado admite que sua percepção antes de ingressar na instituição era muito fantasiosa. "Eu imaginava a instituição a partir do que eu assistia pela tevê. Meu pai serviu e meu tio também, eles diziam que eu iria me divertir, que era muito legal o campo e outras experiências. Mas não é nada disso. Eu imaginava algo mais descontraído, não tão calmo." Outro aspecto que o soldado Luiz Ferreira destaca é a amizade entre os militares: "Uma coisa é muito certa: chegou aqui, fez amigo", garante, com empolgação. E nessa vivência, o jovem vê no exército uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal.

Entre as atividades, Luiz Ferreira destaca que o que ele mais gosta de fazer é a manutenção do fuzil. E quando questionado sobre o que não gosta muito de fazer em seu dia a dia, sem hesitar, responde: "Faxinão!".

A saudade é um sentimento presente na vida militar. Sendo músico, o recruta comenta que a música é a sua maior saudade, tendo em vista que atualmente não está dispondo de tempo para se dedicar a ela. Outra saudade está relacionada à família, seja nas

## IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Para mim, o interessante de uma pauta é penetrar um ambiente desconhecido. Ir com olhos e ouvidos cheios de curiosidade. Estar atento aos detalhes, enxergar além do que os entrevistados mostram e ler a linguagem corporal, que também fala, simultaneamente com a fala dos entrevistados. É um desafio e um exercício do "fazer jornalístico". Foi assim que a experiência de realizar a pauta no quartel me proporcionou enriquecimento pessoal e profissional. Enquanto realizei este trabalho, construí relacionamentos fundamentais para nossa car-

reira. Conheci pessoas e suas histórias. Estive presente nos momentos mais marcantes de suas atividades através de seus relatos. Trazer as impressões obtidas em forma de reportagem é um modo de compartilhar as dificuldades e a gratidão de realizar esta matéria. E se por um lado o ambiente militar era desconhecido para mim, por outro, para o meu fotógrafo, Kaiser, é um ambiente familiar, o que facilitou a troca de informações e percepções sobre a pauta. Aprendi muito com o colega também, foi uma grande parceria!

missões realizadas pelos militares mais experientes ou no período de confinamento dos recrutas. "No internato foi pior! Duas semanas internado aqui, e na última semana estávamos todos chamando por nossos pais", relembra.

Nas paredes das companhias é possível verificar frases que estimulam a coragem dos militares. Uma filosofia de vida, visando à colaboração para a construção de um caráter. A religião também se faz presente. Imagens de São Jorge, por exemplo, são encontradas nos alojamentos. São detalhes que falam entre o silêncio do recinto. São detalhes que acompanham e influenciam a rotina desses militares.

No quartel também é possível encontrar profissionais civis que possuem seus estabelecimentos comerciais dentro das dependências. É o caso da cabeleireira Eva Rosane Soares Tramontin. Ela, que também trabalha em outro salão, em São Leopoldo, compara o trabalho dentro e fora do quartel: "Os militares são menos exigentes, o atendimento é por ordem de chegada e o corte é mais prático", destaca.

### **Missão de paz**

Nesta rotina militar, histórias de vida se somam e compartilham-se experiências. E uma dessas experiências foi a missão do Haiti, realizada em 2004. Para o cabo Tiago de Oliveira Seganfredo, que dará baixa do quartel no próximo ano, a vivência na missão do Haiti foi algo que ele levará como enriquecimento pessoal e profissional. No dia 12 de maio de 2004, o militar partiu para uma fase de superação, de colocar em prática o que no dia a dia é simulado nos exercícios. Amizade e coleguismo facilitaram a experiência na missão. O cabo revela que a maior dificuldade foi ver as crianças muito pobres chorando com sede. O irmão, também militar, participou da missão e amenizou o coração aflito de sua mãe ao saber da convocação dos filhos militares para o embarque rumo ao Haiti, já que estariam unidos dando força um para o outro. "No Haiti, o

clima é diferente, muito quente. Além disso, a gente se sente meio perdido. Mas o povo haitiano nos recebeu muito bem, ainda mais quando ocorreu o jogo da Seleção Brasileira", conta.

O sargento Wilson da Silva Franco, que liderou a missão no Haiti, revela que foi motivo de orgulho a realização das atividades no país. "Sair de uma experiência de treinamento para uma situação real nos orgulha muito", destaca. Franco conta que os soldados foram preparados na parte física, técnica e psicológica para essa missão. A maior dificuldade para o sargento foi o idioma crioulo do Haiti (mistura de francês, espanhol e inglês). Para amenizar a saudade do seio familiar, momentos de lazer com atividades físicas, churrasco, chimarrão e até um piquete gaúcho serviam de alento aos militares durante o período de seis meses que estiveram na missão.

Entre uma entrevista e outra, o grito do pelotão: "Guerreira!". Um grito puxado pelas vozes graves dos militares que se encontravam no pátio em exercício. O grito de guerra é algo que surge como uma expressão de força e ao mesmo tempo de proteção. Neste momento, é possível entender as palavras da carta de Moniz Barreto: "Quando eles passam juntos, fazendo barulho, os corações mais cansados sentem estremeecer alguma coisa dentro de si". Mesmo que o coração não esteja cansado, quando eles passam, em fila, alinhados, com a postura imponente e unidos pelo grito de guerra, é impossível não notar a sintonia do pelotão.

O expediente dos militares se encerra às 17h, momento em que alguns seguem para a faculdade, outros se encontram com os amigos ou retornam para o berço familiar. Mesmo assim, as regras e disciplinas se fazem valer até mesmo fora. Pois no dia seguinte eles retornam, pontualmente, sob a recepção de uma guarda atenta. Antes do dia clarear totalmente e depois que a farda está bem passada. A cada dia vivenciam novos desafios por trás dos portões do quartel. Somando histórias e compartilhando experiências. Assim segue a vida por trás destes portões.

